

## PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO YOUTUBE: POSICIONAMENTOS SOBRE O FALAR AÇORIANO

\*\*\*

## LINGUISTIC PREJUDICE ON YOUTUBE: POSITIONINGS ON AZOREAN PORTUGUESE

Adson Luan Duarte Vilasboas Seba<sup>1</sup>  
Bárbara Cristina Gallardo<sup>2</sup>

**Data de recebimento do texto:** 12/01/2026

**Data de aceite:** 10/02/2026

**Resumo:** Este artigo visa analisar o posicionamento de usuários lusofalantes nos comentários com maior engajamento, em um vídeo postado no *YouTube*, sobre o falar de Açores, entre janeiro de 2017 a novembro de 2021. O estudo se sustenta em uma abordagem qualitativa e exploratória por meio da pesquisa documental. A base teórica está sustentada em pesquisas que versam sobre práticas sociais e de linguagem efetivadas nos espaços online (Barton;Lee, 2015; Boyd, 2011; Seba; Gallardo, 2021), sobre preconceito linguístico (BAGNO, 2015), na Teoria do Posicionamento (Davies; Harré, 1990, 1999; Van Langenhove; Harré, 1995) E Sobre O Falar Açoriano (Bernardo;Montenegro, 2003; Dias, 2017; Santos, 2017; Dores, 2014a, 2014b). Os resultados indicam que a legenda tendenciosa do vídeo proporcionou a proliferação de comentários preconceituosos que se adequaram às intenções do autor do vídeo e, assim, reforçaram a naturalização do preconceito linguístico sobre o falar de Açores.

**Palavras-Chave:** Linguagem on-line. Preconceito linguístico. YouTube. Linguística Aplicada.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the positioning of Portuguese-speaking users in highly engaged comments made between January 2017 and November 2021, in a video posted on YouTube about the Azores way of speaking. The study is based on a qualitative and exploratory approach, conducted by participant observation, a characteristic of virtual ethnography (HINE, 2000). The theoretical basis is based on research about social and language practices carried out in online spaces (Barton;Lee, 2015; Boyd, 2011; Seba And Gallardo, 2021), On Linguistic Prejudice (Bagno, 2015), On The Positioning Theory (Davies; Harré, 1990, 1999; Van Langenhove; Harré, 1995) And On The Azorean Way Of Speaking (Bernardo; Montenegro, 2003; Dias, 2017; Santos, 2017; Dores, 2014a, 2014b). The results indicate that the biased caption of the video provided the proliferation of prejudiced comments that suited the intentions of its author and, thus, reinforced the naturalization of linguistic prejudice about the way of speaking in Azores.

**Keywords:** Online language. Linguistic prejudice. YouTube. Applied Linguistics.

---

<sup>1</sup> Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT- Campus Cáceres. Professor da Secretaria Municipal de Educação de Cáceres - MT. Membro do grupo de pesquisa Linguagem, Tecnologia e Contemporaneidade em Linguística Aplicada (LINTECLA). E-mail: adson.seba@unemat.br

<sup>2</sup> Doutora em Linguística Aplicada pelo IEL/ Unicamp (2013), na área de Linguagem e Tecnologia, com estágio-sanduíche na Universidade do Texas, em Austin-USA. Mestra em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001). Graduada em Letras - Tradutor/Intérprete pela Universidade Ibero-Americana (1993). Professora adjunta na Universidade do Estado de Mato Grosso, desde 2006, atuando nos cursos de graduação e pós-graduação. E-mail: barbarag@unemat.br

## Introdução

As redes sociais configuram-se como espaços férteis de produção e circulação de práticas sociais e discursivas. Nesse ambiente rizomático, Recuero (2016, p. 17) observa que “discursos emergem, se difundem e são legitimados”. Tais práticas, conforme Herring (2001), apresentam características híbridas, pois combinam elementos verbais e não verbais, aproximando-se da natureza da conversação oral, sendo denominadas por ela como “escrita oralizada”.

Isso ocorre porque as tecnologias digitais influenciaram as formas como produzimos e consumimos textos, os quais têm se tornado cada vez mais multimodais, hipertextuais e interativos (Zacharias, 2016). A dinamicidade dessas redes, ocasionada pela multimodalidade, possibilita que os internautas interajam de diversas maneiras. A maioria dessas interações são regidas por posicionamentos, que não são apenas produtos linguístico, mas, também, um conjunto ideológico extralinguístico (Recuero, 2016).

Nessa perspectiva, o *Youtube*, por exemplo, possibilita que os usuários expressem suas opiniões e atitudes por meio de “posicionamentos” (Barton; Lee, 2015) que são ideologicamente afetados. Diante dessa realidade, como usuários dessa rede, temos percebido que há, cada vez mais, posicionamentos sustentados por aspectos sociais, políticos e ideológicos graças a uma das características da Web 2.0: a interação entre os usuários e o conteúdo.

Em consequência disso, observamos que muitos posicionamentos expressos nos comentários dos vídeos, como o material eleito para este estudo “Açoriano legendado<sup>3</sup>”, ferem as políticas da plataforma que é contra qualquer tipo de violência e discriminação. Uma dessas práticas frequentes é o preconceito linguístico, sendo uma atitude prévia negativa assumida diante de um indivíduo ou de um grupo social. Esse preconceito ilustra uma comparação indevida entre um modelo idealizado de língua que se apresenta nas gramáticas normativas, nos dicionários em detrimento dos modos de falar das pessoas (Bagno, 2013; 2014; 2015).

A partir dessas considerações, por meio da Teoria do Posicionamento, lançaremos olhar para 219 comentários com mais engajamento, postados entre janeiro de 2017 a novembro de 2021, em um vídeo no *YouTube* sobre o falar açoriano da Vila de Rabo de Peixe. Com isso, buscamos: i) investigar se os posicionamentos dos usuários possuem

---

<sup>3</sup> Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=u7efyRaaTUU>

marcas de preconceito linguístico; ii) analisar fatores linguísticos, políticos e ideológicos ilustrados em seus posicionamentos (negativos) sobre a variante; iii) compreender os efeitos de sentidos produzidos pelo falar açoriano, a partir dos posicionamentos dos internautas.

Este estudo se sustenta em uma abordagem qualitativa e exploratória, por meio de uma pesquisa documental. Esse tipo de pesquisa, conforme Caulley (1981), visa identificar informações autênticas presentes em documentos a partir de questões de pesquisa ou hipóteses de interesse do investigador. Para tanto, o questionamento que norteou essa investigação foi: quais são as escolhas linguísticas utilizadas pelos visualizadores do vídeo “Açoriano Legendado” nos comentários que contêm preconceito linguístico?

Trata-se de um estudo que se inscreve na Linguística Aplicada e dialoga com a Sociolinguística, voltada às relações entre língua e identidade social e com a Teoria do Posicionamento, que permite compreender como os sujeitos constroem identidades e sentidos ideologicamente situados em interações on-line. A base teórica está pautada em pesquisas que versam sobre práticas sociais e de linguagem efetivadas nos espaços on-line (Barton; Lee, 2015; Boyd, 2011; Seba;Gallardo, 2021); para então compreender as práticas de “preconceito linguístico” (Bagno, 2013, 2014, 2015) manifestadas nos “posicionamentos” dos usuários (Davies; Harré, 1990) a respeito dos traços do “falar açoriano” (Bernardo; Montenegro, 2003; Dias, 2017; Santos, 2017; Dorés, 2014).

## **1 O POSICIONAMENTO DOS USUÁRIOS EM AMBIENTES ON-LINE**

De acordo com Barton e Lee (2015, p. 49), “postura” é um termo útil nos estudos sobre a linguagem on-line e pode ser definido como “um posicionamento de um falante em relação ao que é dito e a quem o enunciado é dirigido”. Os sites de redes sociais, assim como outros locais da *Web 2.0*, são ricos em postura, pois “as virtualidades percebidas dos espaços de escrita incentivam a produção, compartilhamento, discussão e avaliação das opiniões públicas”.

Martins e Santos (2018, p. 143) acrescentam que “a própria estrutura e os recursos de algumas mídias oportunizam o desenvolvimento de postura, instigando a discussão, a expressão de opiniões, a produção e o compartilhamento de conhecimentos”. Face ao exposto, Barton e Lee (2015) declaram que o *YouTube* é um território de posicionamentos, pois os *YouTubers* podem difundir suas opiniões em seus vídeos e, em contrapartida, os

visualizadores podem avaliar o conteúdo.

Nessa perspectiva, Seba e Gallardo (2021), ao estudarem o posicionamento de uma *Youtuber* e dos visualizadores de seu vídeo, diagnosticaram que o conteúdo dos comentários é repleto de representatividade identitária, divergência de ideias e posicionamentos distintos expressos por meio das múltiplas linguagens. Nessa ótica, ao teorizar sobre o posicionamento on-line, os autores afirmam que:

A participação dos usuários nas práticas sociais e de linguagem no contexto digital das redes sociais possibilita e favorece a construção e ressignificação de sentidos, por meio das possibilidades de interação disponíveis e favorecem a experimentação de identidades. Demarcam, deste modo, a heterogeneidade de cada usuário, seja nos comentários, compartilhamentos de conteúdos, postagens, ou pela sinalização dos símbolos disponíveis para expressão. Esses posicionamentos ampliam o compartilhamento de pontos de vista e, assim, de possibilidades de criatividade, reflexão e criticidade dos usuários no fluxo nos/dos meios on e off-line (Seba; Gallardo, 2021, p.19).

As ideias dos autores são importantes por evidenciarem o papel ativo dos usuários na construção de sentidos e identidades nas redes, ampliando a reflexão crítica sobre as práticas digitais. De modo semelhante, Canuto e Silva (2023) destacam as semioses produzidas por alguns recursos visuais em *lives* do Facebook, como os emojis negros, que reforçam questões identitárias e de pertencimento.

Diante disso, reconhecemos que os espaços digitais possibilitam a tomada de posturas, a expressão de opiniões, a produção e o compartilhamento de conhecimentos, por meio da produção de material, do compartilhamento, das reações valorativas pelos botões *like* e *dislike* e, principalmente, por meio da manifestação via comentários. Com relação às várias maneiras de se posicionar on-line, Boyd (2011) afirma que as mídias podem ser difundidas e ampliar sua visibilidade, escalando seu alcance (escalabilidade); serem permanentes ou não no ciberespaço (persistência); serem facilmente reproduzidas e compartilhadas (reprodutibilidade) e, também, serem buscadas, encontradas e recuperadas por mecanismos de busca (buscabilidade).

Tais características tornam as redes sociais ambientes dinâmicos que promovem o “colapso de contextos”, pelo fato de que essas interações descoladas de seu ambiente original podem ser replicadas, reproduzidas em outras espacialidades, fortalecendo “o borramento entre as fronteiras entre o público e o privado” (Recuero, 2016, p. 19) e promover audiências invisíveis. Sendo assim, os aspectos pontuados por Boyd (2011)

podem causar a ilusão de anonimato nos usuários motivando-os, por muitas vezes, a se posicionarem de maneira inadequada, e cometerem, por exemplo, desde práticas violentas ainda não criminalizadas, como o preconceito linguístico<sup>4</sup>, até crimes virtuais de maior complexidade, como o preconceito racial sofrido pela cantora Ludimila em 2020<sup>5</sup>, forçando-a a desativar suas contas no *Twitter* e *Instagram*.

Dada a importância dessa discussão, debruçamo-nos na Teoria do Posicionamento seguindo as proposições de Barton e Lee (2015) sobre os posicionamentos dos usuários no contexto das redes sociais e, sobretudo, nas discussões basilares inauguradas na psicologia social, por Davies e Harré (1990; 1999). Trata-se de uma teoria multidisciplinar e de corrente pós-estruturalista que se mostrou eficaz na investigação das construções identitárias que emergem em uma interação discursiva (Cruz; Bastos, 2015) e, portanto, pertinente para se entender atitudes de preconceito linguístico nos posicionamentos de usuários no vídeo “Açoriano legendado”.

Para Seba e Gallardo (2021), a Teoria do Posicionamento mantém o foco na análise da distribuição de direitos, deveres e obrigações nas interações, a fim de identificar como esses fatores moldam e, ao mesmo tempo, são moldados pelas estruturas sociais. Nessa perspectiva, Davies e Harré (1990) afirmam que a interação é em si um conglomerado de posições que constroem uma teia discursiva que é, ao mesmo tempo, produto e produtora de sentidos.

Conforme pode-se constatar, a Teoria do Posicionamento permite diálogos com a perspectiva dialógica da linguagem adotada neste estudo, pois, consideramos que o posicionamento dos usuários por meio de seus comentários é ideologicamente atravessado, uma vez que a ideologia é constituída por significados e sentidos vinculados a enunciados concretos produzidos nas diferentes esferas ideológicas e na comunicação humana (Volóchinov, 2018). Nessa perspectiva, Costa (2017) afirma que os discursos refratam os valores apregoados por instituições sociais, como a economia e a política.

Van Langenhove e Harré (1995) defendem que os discursos ofertam posições para serem tomadas pelos sujeitos; essas posições, sobretudo, são tomadas em relação a outras pessoas, por meio de uma relação eu *versus* outro. Nessa perspectiva, para os autores, assim como o sujeito e o objeto de um enunciado, homens e mulheres se localizam em

---

<sup>4</sup> Houve uma proposta de criminalização do preconceito linguístico publicada por Priscilla Mello na seção " ideia legislativa" no site Senado Federal. A data limite para receber 20.000 apoios era até 17/05/2018, entretanto, até o momento de estrita deste estudo, havia apenas 03 apoios. Link: <https://bit.ly/3ACuqxv>

<sup>5</sup> Ludmilla some da rede social e deleta perfil após sofrer racismo: 'Criminosos'. Link: <https://bit.ly/3iYlpZA>

relação um ao outro por meio dos sentidos que um certo discurso disponibiliza. É importante ter presente que a Teoria do Posicionamento preconiza o estudo preciso de episódios sociais onde ocorre a negociação de acessos aos direitos e deveres para a realização de ações. Nessa ótica, há três categorias de ações que geram a tomada de posicionamento: i) a ação que já está em andamento, já aconteceu ou vai acontecer; ii) a que permite ou encoraja alguém a tomar um posicionamento; iii) a que estabelece que alguém é física e/ou emocionalmente apto/a para determinada tomada (Harré; Slocum, 2003).

Sendo assim, ao fazer o uso desta teoria, o linguista aplicado deve considerar a articulação entre essas três categorias que, segundo Harré e Slocum (2003), norteiam a percepção dos sujeitos sobre o que eles têm direito ou não de fazer. Para tanto, Harré (2012, p. 4) apregoa que em muitas situações, “os direitos e deveres determinam quem pode usar um determinado modo de discurso, por exemplo, emitir ordens, dar notas, relembrar um evento passado. ” E, no contexto deste estudo, usar a língua portuguesa e suas variantes. A partir dessas considerações, a seguir, definiremos o conceito de preconceito linguístico, para então, compreender como ele se manifesta nos posicionamentos de usuários em espaços on-line.

## **2 Preconceito Linguístico: Algumas Definições Conceituais**

A variação linguística tem sido foco de muitos estudos, sobretudo, nos contextos contemporâneos de práticas sociais de linguagem mediados por tecnologias digitais. Face ao exposto, Barton e Lee (2015) afirmam que a linguagem tem um papel fundamental nas mudanças contemporâneas, que são, antes de tudo, transformações de comunicação e de construção de sentidos. Para os autores, “a linguagem é essencial na determinação de mudanças na vida e nas experiências que fazemos ” (Barton; Lee, 2015, p.13).

No que diz respeito às mudanças sofridas pela língua, a Sociolinguística trouxe importantes contribuições, como o conceito de “heterogeneidade sistemática”, que possibilitou a identificação e demarcação de diferenças sociais nas comunidades de fala (Weinreich; Labov; Herzog, 2006). Nessa direção, William Labov (1972) compreende que o fato de a língua ser heterogênea está imbricado à variação linguística, pois a língua é dinâmica e muda conforme as conjunturas da sociedade e seus falantes. Nesse sentido, para o autor, antes de ocasionar a mudança, ocorrem variações na fala.

Com base neste panorama, podemos dizer que há variantes distintas da Língua Portuguesa ao redor do mundo. De acordo com a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), o português é a língua oficial de nove países: Portugal, Brasil, Angola, Moçambique Cabo Verde, Timor-Leste, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e, recentemente, na Guiné-Equatorial que foi vinculada à comunidade em 2014. É preciso acentuar que em cada região destes países se fala uma variante diferente da Língua Portuguesa com suas nuances e peculiaridades. Logo, pensar em uma única variante da Língua Portuguesa em detrimento de outras é apagar toda a diversidade linguístico-cultural dos lusofalantes.

Ao teorizar sobre a diversidade linguística no Brasil, Bagno (2004) afirma que, por muito tempo, houve uma longa tradição de estudos filológicos e gramaticais que se baseou em um (pré) conceito irreal de “unidade linguística no Brasil”. É pertinente destacar que a ideia ilusória de unicidade linguística não foi alimentada somente em nosso país, como também, em outras ex-colônias portuguesas que foram obrigadas a falar “a língua de Camões”, e silenciar suas variantes. Este é um dos aspectos do preconceito linguístico, conceituado por Bagno como um posicionamento que:

[...] se baseia na crença de que **só existe, uma única língua portuguesa digna de ser aceita**, ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas normativas e catalogadas nos dicionários e qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente. (Bagno, 2004, p. 38, grifos nossos).

O excerto sugere a existência de uma variante hegemônica denominada “norma padrão” que concorre com outras variantes vernáculas, utilizadas em espaços informais. Com base nessa constatação, Etto e Carlos (2017) afirmam que as diferenças sociais permitem que as variedades linguísticas destaquem a posição social de seus falantes, sendo capazes de categorizá-los como inferiores ou superiores. Para os autores, isso favorece o surgimento de posicionamentos preconceituosos relacionados às pluralidades linguísticas das variantes que se distanciam da norma padrão.

Nessa perspectiva, o preconceito linguístico está quase sempre relacionado às pessoas com condições sociais menos favorecidas, o que reforça a premissa de que o preconceito linguístico é também social (Bagno, 2004). A partir dessas considerações, podemos dizer que o preconceito linguístico se configura como a ação de deturpar uma

determinada variedade linguística, normalmente usada por um grupo social menos favorecido e que, na maioria das vezes, também é vítima de preconceito. Sendo assim, esta prática parte da ideia, equivocada, de que existem formas de usar o idioma que são, por natureza, superiores a outras (Calbucci, 2017). Com base nessas discussões, como usuários das redes sociais, temos percebido várias práticas de preconceito linguístico entre lusofalantes, sobretudo, brasileiros nos espaços *on-line* como o *YouTube*.

Nessa perspectiva, compreendemos os posicionamentos que sinalizam o preconceito linguístico nos espaços *on-line*, a partir do uso institucionalizado da língua (Davies; Harré, 1990), pois “a força daquilo que é dito reside não nas palavras em si, mas num conjunto de relações que determinam seu “significado social.” (Cruz; Bastos, p. 370). Por esse viés, a materialização do preconceito linguístico nos posicionamentos dos usuários é resultado da intersecção de vários discursos. Dadas essas considerações sobre o preconceito linguístico, a seção a seguir fará um panorama do português açoriano da Vila de Rabo de Peixe, para que possamos compreender o posicionamento dos usuários sobre o conteúdo expresso no vídeo “Açoriano legendado”.

### **3 O Português Açoriano da Vila de Rabo de Peixe**

De acordo com Santos (2017), a língua portuguesa evoluiu em territórios tão vastos e diferentes, com passados, culturas e tradições distintas sendo impossível pô-la em uma “caixa”. Para a autora, a língua é construída por diversos saberes e viveres, “é falada e escrita de formas diferentes, correspondendo a histórias, patrimónios, vizinhanças linguísticas, estruturas gramaticais, pragmáticas, referências culturais e usos sociais diferentes” (Santos, 2017, p. 1).

Por este prisma, destacamos as variantes da Ilha de São Miguel<sup>6</sup>, pertencente ao território ultramarino português: Açores. Conforme o Site Dicionário Micaelense (2014), não há apenas um “sotaque açoriano“, uma vez que a região dos Açores é composta por 9 ilhas e cada uma delas preserva suas características culturais, sociais e linguísticas. Nesse contexto, Dorés (2014a, 2014b) advoga que as variantes dialetais açorianas variam de ilha para ilha, de freguesia para freguesia. Com 30 anos de estudos sobre o falar açoriano, o autor coletou 47 variantes dialetais apenas na Ilha do Pico.

Todavia, conforme o Dicionário Micaelense — no imaginário popular — quando

---

<sup>6</sup> Local no Google Maps: <https://goo.gl/maps/ZNCbXMunZTXWxn6U7>

se fala do “sotaque açoriano”, geralmente a referência se faz à pronúncia da Ilha de São Miguel. Esse fato é comprovado, por exemplo, no vídeo “Açoriano legendado”, em que o dono do canal, ao fazer o recorte do vídeo de uma entrevista, destaca a pronúncia de um morador da Ilha de São Miguel, especificamente, da Vila de Rabo de Peixe. Assim, ele sugere que essa seja a maneira como todos da ilha falam. Por outro lado, nos comentários, os moradores dos Açores se manifestaram contra essa generalização.

Nessa direção, o sotaque micaelense é único na língua portuguesa e difere-se das outras variantes por vários fatores, como: a situação geográfica, isolamento, origem dos povoadores do local, oriundos de regiões portuguesas como: Estremadura, Alto, Algarve, Alentejo; além da forte influência francesa, visto que São Miguel foi colonizada por um enorme contingente de bretões franceses (Bernardo;Montenegro, 2003; Dias, 2017). Por este viés, o “falar micaelense” ramifica-se em outras variantes locais, faladas em 6 regiões: Ponta Delgada, Ribeira Grande, Lagoa, Vila Franca, Povoação e Nordeste. Nesse sentido, cada macrorregião possui também microrregiões com falares distintos, como a Vila de Rabo de Peixe situada em Ribeira Grande, ilustrada nas figuras abaixo.

Figura 01: Divisão da Ilha de São Miguel



Fonte: Geneall (2025)

Figura 02: Localização de Rabo de Peixe



Fonte: Wikipedia (2025)

De acordo com Pereira (2020), Rabo de Peixe é uma vila integrada ao distrito de Ribeira Grande, e situa-se no litoral norte da Ilha de São Miguel, ocupando uma área territorial de 16,98 km<sup>2</sup>. Atualmente, a Vila confina a leste com as freguesias das Calhetas e Pico da Pedra, a Oeste com a freguesia da Ribeira Seca e Santa Bárbara, e a Sul com as freguesias do Livramento e do Cabouco. Conforme Oliveira (2020), morador da Vila de Rabo de Peixe, em uma entrevista para o Jornal Correio de Açores, o falar local tem sofrido desdém — preconceito linguístico — por moradores de Portugal continental, pois, construíram uma análise deturpada do falar local. Para ele, Portugal continental — e estendemos aqui para os demais lusofalantes — não reconhece que o sotaque “carregado”

ou não de qualquer povo é, e sempre será, uma riqueza cultural.

Nessa perspectiva, conforme Dores (2014a, 2014b), a Ilha de São Miguel possui um falar que mais se distancia das outras ilhas açorianas principalmente pelo som da vogal “u”, que é muito fechado, assemelhando-se ao francês [y], como na palavra “gordinho” [gyr'diñy], “uva” [‘yvə], “fruta” [‘f rytə], “cruz” (‘krys), “azul” [az‘yl]. Há também a omissão da consoante final em palavras, como “falar”, pronunciada [fə'la]. Outra particularidade é a utilização dos ditongos [oi], [ou] e [ei], em que se omite a última vogal, como em “oito” [öt], “noite” [‘nöt], “pouco” [‘pök] deitar [də ‘ta] (Bernardo; Montenegro, 2003; Dias, 2017).

Muitas vezes, a vogal [o] é substituída pela vogal [u] no fim de palavras, como “avô” [v‘vu], “tudo”, [‘tydu]. Outra particularidade é o caso da utilização do fonema [tʃ] em algumas palavras, tais como “leite” [‘letʃe], “pequeno” (pe‘tʃeno). Além disso, a vogal [e] é pronunciada como [a] em palavras como “Julieta” [ʒyli‘ata]. Outro aspecto diz respeito a vogal [a] ser pronunciada como [o], por exemplo, “cavalo” [kə‘volo). Também é muito comum em algumas freguesias micalenses não se pronunciar o fonema [λ], como em folha [‘foiə], milho [‘mio] (Bernardo; Montenegro, 2003; Dias, 2017).

A partir destas considerações sobre a variante açoriana da Vila de Rabo de Peixe, a seguir, descrevemos a metodologia que guiou a mineração e interpretação dos dados desta pesquisa.

#### **4 Metodologia**

Para a obtenção dos dados, monitoramos e registramos os posicionamentos dos usuários expressos na seção comentários do vídeo “Açoriano legendado”, disponível no *Youtube*, entre setembro de 2017 a novembro de 2021. A metodologia eleita para este estudo foi a Pesquisa Documental, que se vale “de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor. [...] é uma das técnicas decisivas para a pesquisa em ciências sociais e humanas” (Helder, 2006,1-2), como, também, para a Linguística Aplicada.

Nessa ótica, de acordo com Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) o pesquisador que se vale da pesquisa documental examina o *corpus* por meio de técnicas apropriadas para seu manuseio e análise. Além disso, segue etapas e procedimentos, organiza e categoriza as informações para serem analisadas

Sendo assim, nos limitamos a analisar os posicionamentos de 219 visualizadores que se manifestaram nos comentários. A seleção levou em conta os comentários principais com maiores engajamentos e, conseqüentemente, suas respostas. Dadas essas considerações, o processo metodológico se organizou em algumas etapas:

1. Leitura e seleção dos 219 comentários que continham marcas de preconceito linguístico;
2. Catalogação por eixos temáticos dos 219 posicionamentos;
3. Análise dos posicionamentos e dos efeitos de sentido produzidos pelo vídeo.

Nesse sentido, buscamos organizar os comentários por eixos temáticos de posicionamentos positivos e negativos, para então, problematizar as atitudes de preconceito linguístico com o intuito de compreender as escolhas lexicais e as razões ideológicas que fundamentaram os discursos preconceituosos nos comentários desse vídeo.

Ao levar em consideração os discursos presentes nos comentários, ponderamos as palavras de Herring (2004) em seus estudos sobre o discurso mediado por computador, em que ela afirma que há padrões recorrentes na comunicação online que são manifestados de forma consciente ou não. Para ela, as escolhas realizadas pelos sujeitos na interação online não são somente linguísticas, pois, envolvem fatores cognitivos e sociais. Além disso, a autora afirma que esses discursos podem ser moldados por sistemas próprios da comunicação tecnológica, como internetês, emojis, estilos, anonimato, mensagens públicas e privadas, mensagens síncronas e assíncronas, etc.

## **5 Análise dos Dados**

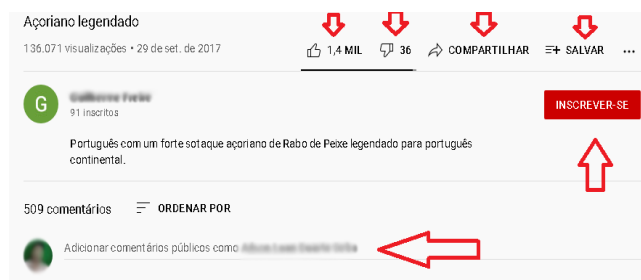
Com base nas três categorias de ações que geram a tomada de posicionamento (Harré; Slocum, 2003), consideramos a ação que já está em andamento, ou seja, o conteúdo registrado no vídeo que pode ser visualizado em várias temporalidades. Este material fomentou diversos posicionamentos que elucidaram as perspectivas dos usuários sobre a variante micaelense da Vila de Rabo de Peixe, muitas delas, com marcas latentes de preconceito linguístico.

Nessa perspectiva, o conteúdo do vídeo “Açoriano legendado” é um recorte feito pelo canal do *Youtuber* Guilherme Freire, que deu destaque à um excerto de uma entrevista

realizada pelo Jornal Açoriano Oriental, periódico diário publicado na Ilha de São Miguel. Optamos pela seleção dos comentários nesse vídeo, pois, trata-se de um espaço com menos formalidade que a página do Jornal. Assim como Barton e Lee (2015, p. 124), reconhecemos que os ambientes on-line oferecem “aos usuários um número de espaços opcionais de escrita e de virtualidades que incentivam opiniões e compartilhamento de conhecimentos, por meio dos quais são expressos diferentes tipos de postura”. Portanto, acreditamos que a flexibilidade e o não monitoramento de um espaço informal pode propiciar manifestações mais genuínas dos usuários, como as práticas de preconceito linguístico identificadas.

O recorte tem um minuto de duração e foi disponibilizado no dia 29 de setembro de 2017, contabilizando, até a data deste estudo, 140,567 visualizações. O vídeo ilustra um morador que reclama das más condições do porto da Vila de Rabo de Peixe. Ao conceder seu depoimento, o falante adota uma das variantes micalenses que causou uma série de posicionamentos com marcas de preconceito linguístico. Sendo assim, começamos pelo título e pela descrição do vídeo.

Figura 03: Maneiras de se posicionar no YouTube



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

A escolha do título e da descrição do vídeo pelo publicador do conteúdo são os primeiros posicionamentos sobre o material. Ao nomear o vídeo como “Açoriano legendado”, ele homogeneiza todas as variantes faladas nos Açores, a partir do sotaque de um morador da Vila de Rabo de Peixe. Ademais, encoraja os usuários que utilizam a norma culta ou outras variantes a tomar um posicionamento à medida que “estabelece que alguém é física e/ou emocionalmente apto/a para determinada tomada”, uma das condições elencadas por Harré e Slocum (2003). Do ponto de vista linguístico, isto é um equívoco e vai de encontro com as discussões tecidas sobre a língua como heterogeneidade sistemática. Entretanto, na descrição do vídeo, ele contextualiza a variante: “Português com um forte sotaque açoriano de Rabo de Peixe legendado para português continental”.

Como se pode ver, o usuário compartilha seu posicionamento perante à variante representada no vídeo, definindo-a com um “forte sotaque”. O adjetivo “forte” reforça a ideia de exagero, excesso ou incompreensão. Além disso, podemos inferir que a escolha do publicador pelo termo “sotaque” demonstra que ele não concebe à variante o mesmo *status* da língua portuguesa falada em Portugal continental. Nessa perspectiva, a distância linguística e ideológica é amplificada quando o publicador do vídeo utiliza a expressão “legendado para português continental”. Em outras palavras, é possível depreender que somente os lusofalantes do continente falam o Português com *status* de língua, havendo uma negação da variante de Rabo de Peixe, que é “forte” e precisa ser “legendada” aos falantes continentais.

Nesse sentido, o adjetivo “forte” e a descrição “legendado para português continental” escondem traços de preconceito linguístico que é um tipo de preconceito baseado na crença de que só existe uma única Língua Portuguesa digna de ser aceita (Bagno, 2015). É pertinente ressaltar que este posicionamento afetou as perspectivas dos visualizadores de seu material, pois, a maioria se posicionou de maneira semelhante, conforme verificado no Quadro 01, que ilustra a organização dos comentários por eixos temáticos organizados em categorias:

Quadro 01<sup>7</sup>: Categorias temáticas

| Total de comentários analisados |                                                  | 224                                       |
|---------------------------------|--------------------------------------------------|-------------------------------------------|
|                                 | <b>Categoria</b>                                 | <b>Número de comentários relacionados</b> |
| 1º                              | Incompreensão da variante                        | 58                                        |
| 2º                              | Isso não é Português, é Francês:                 | 48                                        |
| 3º                              | Jocosidade                                       | 38                                        |
| 4º                              | Reconhecimento positivo da variante              | 27                                        |
| 5º                              | Críticas à lusofonia da variante                 | 23                                        |
| 6º                              | Estranhamento/surpresa                           | 14                                        |
| 7º                              | Comparação da variante com outra língua          | 11                                        |
|                                 | Comentários descartados                          | 5                                         |
|                                 | <b>Total de comentários eleitos para análise</b> | <b>192</b>                                |

Fonte: Youtube (2021)

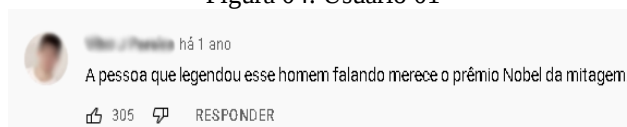
De acordo com o Quadro 01, a análise dos comentários registrou 7 categorias de comentários, entretanto, excluímos os posicionamentos da categoria 4, por não apresentarem marcas de preconceito linguístico. Além disso, foram desconsiderados 5 comentários que não demonstraram posicionamentos sobre o vídeo. Sendo assim, este estudo diagnosticou 6 categorias de preconceito linguístico. Vejamos, agora, a 1ª categoria

<sup>7</sup> Todos os quadros apresentados neste artigo foram produzidos pelos autores.

denominada “Incompreensão da variante”, que registrou 58 comentários.

Com base na análise dos posicionamentos, pudemos identificar grande apreço pela legenda do vídeo. Para os visualizadores, a compreensão seria impossível sem este recurso. Eles acrescentam que a alteração da velocidade de reprodução do vídeo para “0,5” os auxiliou a compreendê-lo melhor, pois o falante verbalizou muito “rápido”. A incompreensão por parte dos internautas, os levaram a questionar se a língua falada no vídeo é, de fato, a Língua Portuguesa. Em seus posicionamentos, foi frequente o uso de adjetivos para demonstrar suas impressões, como: impossível, difícil, confuso, MUITOO LOCO, afrancesado. Além disso, algumas expressões que denotam espanto e confusão foram utilizadas, por exemplo: Meu Jesus!; Oh Louco; Meu Deus!; Gente! Vejamos alguns comentários abaixo que ilustram esses funcionamentos:

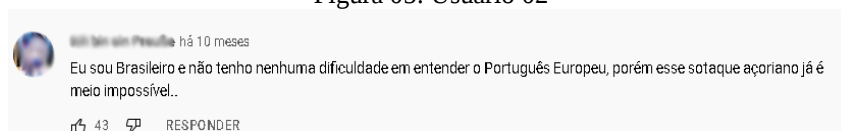
Figura 04: Usuário 01



Fonte: Youtube (2021)

Conforme o posicionamento do Usuário 01, observamos que ele expressa seu preconceito com relação à variante de Rabo de Peixe ao utilizar uma derivação da gíria “mitar” — mitagem, termo geralmente atribuído na internet a uma pessoa que é muito boa ou possui grande habilidade em algo (Valadares; Moura, 2016), para qualificar o legendador, que merece um dos maiores prêmios do mundo pelo registro da variante de Rabo de Peixe por meio da legenda. A atitude deste usuário sugere que a língua utilizada no vídeo é incompreensível para os falantes de Português. Além disso, pudemos perceber um grande número de internautas que concordaram com ele, um total de 305. Alguns deles, além de se posicionarem pelo símbolo de *like*, também criaram seus próprios comentários, conforme se vê na Figura 05:

Figura 05: Usuário 02

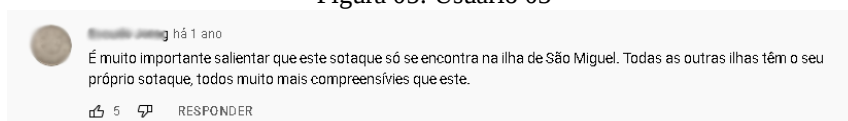


Fonte: Youtube (2021)

O Usuário 02 se afirma brasileiro e se representa como “um falante ideal” da Língua Portuguesa, no mesmo patamar de um lusofalante do Português Europeu continental, pois consegue compreendê-lo. Entretanto, apesar de também se configurar

como “português europeu”, a variante micalense de Rabo de Peixe é reduzida à um sotaque “impossível” de se compreender. Logo, a partir da Teoria do Posicionamento, verificamos que o Usuário 02, mantém um posicionamento vigilante da “norma padrão” e detém certo poder de elegibilidade dos falantes da Língua Portuguesa, por falar uma variante “compreensível”, logo, de prestígio: a brasileira. Nesse sentido, seu posicionamento sugere que a variante de Rabo de Peixe não é parte da Língua Portuguesa. Ademais, vejamos, a seguir, o posicionamento do Usuário 03:

Figura 05: Usuário 03



Fonte: Youtube (2021)

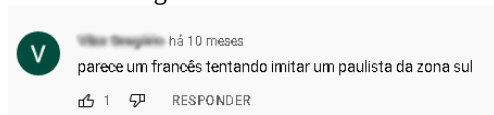
A ideia de “incompreensão” é reforçada pelo Usuário 03 que segrega ainda mais a variante do vídeo. De maneira análoga à discussão mobilizada na seção 03, ele reconhece que as ilhas dos Açores possuem suas variantes próprias, entretanto, todas “são muito mais compreensíveis” que a mobilizada no vídeo. Estes posicionamentos nos remetem ao 2º mito do preconceito linguístico, proposto por Bagno (2004), quando diz que “brasileiro não sabe falar português”, “só em Portugal se fala bem português”. Apesar de teorizar sobre o Brasil, as contribuições de Bagno se aplicam ao contexto micalense, uma vez que, ainda que seja um território ultramarino português, a Ilha de São Miguel distancia-se do grande centro linguístico e econômico: Portugal continental.

Nesse sentido, o mito de que só em Portugal continental se fala bem o português “reflete o complexo de inferioridade, o sentimento de sermos até hoje uma colônia dependente de um país mais antigo e mais civilizado” (Bagno, 2004, p.21). Nessa ótica, por ser uma das regiões mais pobres da Europa, vítima de desigualdades sociais e do flagelo do desemprego (Mairós, 2016), e a partir dos 58 posicionamentos registrados na categoria “Incompreensão da variante”, inferimos que o preconceito linguístico com a variante de rabo de peixe está relacionado a fatores sociais e econômicos. Além disso, verificamos que todos os posicionamentos presentes nos comentários dessa categoria foram influenciados pelo posicionamento do publicador do vídeo a partir de sua escolha do título e da descrição do vídeo.

Atentemo-nos agora para a segunda categoria “Isso não é Português, é Francês”. A partir dos 48 comentários, os usuários demonstraram-se convictos de que a variante micalense de Rabo de Peixe é, ou se assemelha muito à Língua Francesa. O

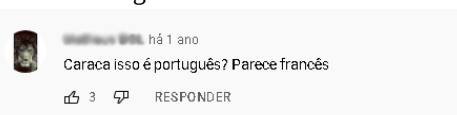
posicionamento dos usuários se divide em dois eixos: atitudes positivas e negativas. No que diz respeito às atitudes positivas, embora sinalizem a incompreensão de grande parte do que se fala no vídeo, os usuários descrevem o sotaque como “fofo”, “bonito”, “lindo”. Por outro lado, destacam-se atitudes de preconceito linguístico que negam o *status* de língua Portuguesa à variante, conforme as figuras abaixo:

Figura 06: Usuário 04



Fonte: Youtube (2021)

Figura 07: Usuário 05



Fonte: Youtube (2021)

O Usuário 04 contesta a autenticidade do *status* de Língua Portuguesa da variante mobilizada no vídeo, pois, para ele “parece um francês” imitando um “paulista da zona sul”. O Usuário, para reforçar a peculiaridade da variante, a compara com um estrangeiro tentando falar uma variante brasileira que, pelo contexto mencionado, nos faz inferir que também tem peculiaridades evidentes. De modo complementar, o Usuário 05 inicia seu comentário com a gíria “caraca” que indica espanto, irritação, desgosto ou surpresa. A partir do contexto, acreditamos que ele se espanta com a variante, devido à sua distância do falar continental. Marcas de preconceito linguístico são também expressas no posicionamento do Usuário 06, quando diz que:

Figura 08: Usuário 06



Fonte: Youtube (2021)

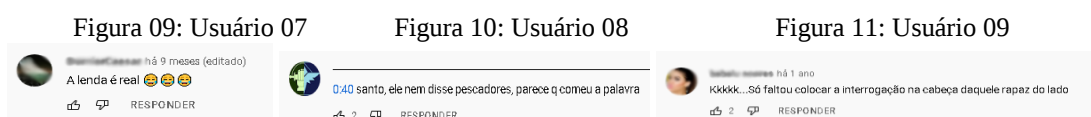
Como se pode perceber no excerto, há certa resistência do Usuário 06 em reconhecer a autenticidade de Língua Portuguesa da variante de Rabo de Peixe, pois, para ele é mais fácil compreender um estrangeiro francês que fala português, como Érick Jacquin, um chef de cozinha francês, naturalizado brasileiro famoso por atuar na TV brasileira, do que o falante do vídeo que, a partir da vigilância da maioria dos usuários, não é eleito como falante da língua de Machado de Assis.

Apesar de demonstrar um posicionamento vigilante sobre as normas da Língua Portuguesa, ele ignora, no entanto, a diferença entre a grafia da conjunção adversativa “mas” e do advérbio de intensidade “mais”. Embora tal inadequação seja aceita na escrita

virtual, pela espontaneidade, informalidade e agilidade característica do internetês (Marcuschi; Dionísio, 2007), é curioso o seu uso justamente em um enunciado que reпреende a língua. Outra característica que destacamos neste comentário é o fator ‘status social’ que atravessa o posicionamento do Usuário 6. A popularidade dos programas que Jacquin atua, o faz ser tratado como uma espécie de celebridade, no Brasil. Neste caso, seu ‘sotaque’ é compreendido como positivo.

Por conseguinte, a 3ª categoria intitulada “jocosidade” acopla 38 comentários baseados em sátiras e ironias. A partir da análise do conteúdo, parece-nos que houve, entre os usuários, uma espécie de competição pelo maior número de *likes* em comentários de cunho jocoso. Embora os comentários tivessem a intenção de serem engraçados, eles foram baseados em graves preconceitos linguísticos. Em suma, a análise mostrou que a maioria afirma que “riu muito” da variante. As sátiras são justificadas pela velocidade da pronúncia que é, conforme um dos comentadores “ como brasa, e ele[falante] quer pô-las o mais rápido possível para fora”.

Além disso, muitos comentários referenciam minutos e segundos específicos do vídeo e também tentam ilustrar a pronúncia de algumas palavras, como “baluns”, “atrapalhãdox”, “Mósh pa tarra”, etc. Nesse contexto, foram expressas muitas risadas pela grafia “kkk” e por emojis, como [😂]. Vejamos abaixo, alguns desses posicionamentos:



Fonte: Youtube (2021)

Ao comentar que a lenda é real”, o Usuário 07 sinaliza que há, no imaginário popular, um discurso segregativo sobre a variante de Rabo de Peixe que, por conta da distância geográfica dos Açores, é tida como uma “lenda” por ser sempre lembrada e mencionada em contextos de preconceito linguístico pelos falantes continentais. Entretanto, ao ganhar a internet, deixa de ser uma lenda e é comprovada como um fato por ele. Por conseguinte, o Usuário 08 critica a pronúncia do falante que, ao utilizar sua variante, “come palavras”, isto é, as encurta. Na figura 11, podemos perceber uma atitude similar, pois o Usuário 09 enfatiza, mais uma vez, a incompreensão da variante. Nesta categoria, o preconceito linguístico apresenta-se de forma estrutural, pois, materializa-se em discursos populares de cunho “divertido” e naturalizados. Embora esse tipo de

posicionamento possa ser compreendido como menos agressivo do que um posicionamento prescritivo ou repreendedor, ele é, igualmente, carregado de violência e discriminação.

A 4ª categoria intitulada “críticas à lusofonia da variante” diz respeito à vigilância de 23 visualizadores com relação à autenticidade do falar de Rabo de Peixe enquanto Língua Portuguesa. De modo geral, os usuários discordam que a variante seja considerada Língua Portuguesa, pois é “diferente” de suas variantes, que são consideradas por eles, a partir de seus posicionamentos enquanto “ideais”. Os internautas sentem-se curiosos para saber se os açorianos entendem brasileiros e outros portugueses, bem como, se os falantes de português continental entendem os micaelenses. Em suma, eles parecem querer proibir que a variante seja reconhecida como a mesma língua que falam. Vejamos os posicionamentos a seguir:

Figura 12: Usuário 13

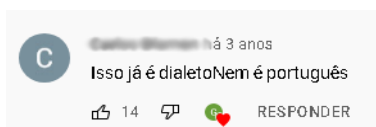
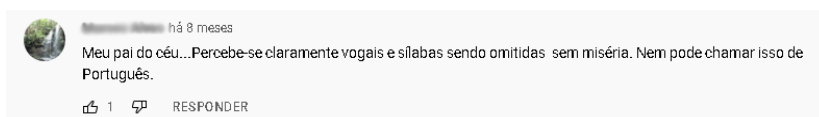


Figura 13: Usuário 14



Fonte: Youtube (2021)

Como se pode verificar na Figura 12, o usuário 13 reduz a língua a um dialeto. Para ele, a variante falada no vídeo não é reconhecida como parte de sua língua. Nesse contexto, o dono do canal reagiu ao seu comentário com um símbolo de coração [♥], que indica adesão às ideias. De modo complementar, o usuário 14 se nega a acreditar que a variante seja parte da Língua Portuguesa, pois o falante omite algumas vogais em sua pronúncia. Ele sinaliza espanto e indignação ao dizer “meu pai do céu” e conclui que isso [ a língua] não pode ser chamado de português. Constatamos aqui, a superestimação de variantes da Língua Portuguesa em detrimento de outras, como a micaelense.

A 5ª categoria intitulada “Estranhamento/surpresa” acopla 14 comentários com marcas de preconceito linguístico. De maneira unânime, os posicionamentos desta categoria são motivados pela pronúncia da variante que, conforme algum comentador, é “maluca”, “estranhamente bonita” e, de maneira alguma, pode ser considerada parte da Língua Portuguesa. Vejamos alguns comentários abaixo:

Figura 14: Usuário 15

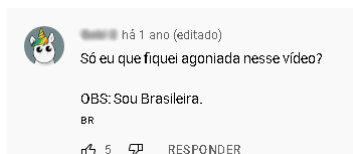
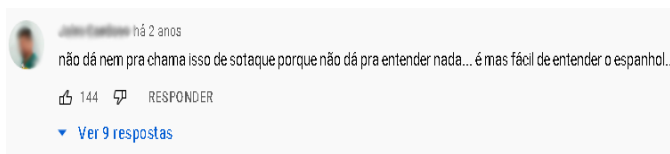


Figura 15: Usuário 16



Fonte: Youtube (2021)

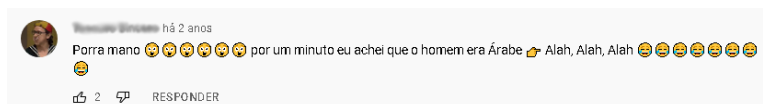
A Usuária 15 se sentiu desconfortável quando assistiu ao vídeo e demonstrou sua intolerância a partir da palavra “agoniada”. Ela é uma falante do Português do Brasil que, no contexto dos posicionamentos aqui elucidados, se trata de uma variante de “prestígio”, pois é compreensível aos olhos dos lusofalantes de Portugal Continental, isto é, aqueles que detém ilusoriamente o poder de determinar quais variantes são aceitas, ou não, como se pode ver na massiva exclusão da variante da Vila de Rabo de Peixe. Ademais, o usuário 16 elege uma língua estrangeira - o Espanhol - como mais fácil de se compreender do que a variante micaelense. Novamente, neste comentário, constatamos que a legenda teve uma função ideológica. A própria palavra ‘legenda’ remete a uma língua estrangeira e foi nessa linha que os comentários da 6ª categoria foram pautados.

Por fim, a 6ª categoria denominada “Comparação com outras línguas” registrou que, para os usuários, a variante se parece com Escocês, Romeno, Russo, Belga, Silicianês, Árabe e crioulo. Alguns comentários possuem posicionamentos agressivos, um total de 11, sendo a grande maioria sustentada por palavras de baixo calão ou comparações violentas, conforme as figuras abaixo:

Figura 16: Usuário 17



Figura 17: usuário 18



Fonte: Youtube (2021)

O Usuário 17 faz uma comparação extremamente ofensiva e xenofóbica para descrever suas impressões sobre o falar micaelense da Vila de Rabo de Peixe. A partir de seu posicionamento, percebemos que ele considera a variante “agressiva”, por conta da rapidez da pronúncia e da tonicidade que a tornam, também, “incompreensível”. Ademais, o usuário 18 corrobora o posicionamento anterior, uma vez que destaca a rapidez da

variante, que se parece com o árabe. O *emoji* [😱] representa seu espanto ao descobrir que esta é mais uma variante da Língua Portuguesa; já o *emoji* [😏] sinaliza a zombaria dos internautas, que consideraram a variante “engraçada”, comparando-a com a Língua Árabe, representada por ele na grafia “Alah, Alah, Alah”. Além disso, percebemos que as línguas mencionadas na comparação, do ponto de vista fonético e fonológico, são desprestigiadas pelos usuários por conta de suas pronúncias, como, também a cultura de seus falantes.

### **Considerações Finais**

As redes sociais são espaços ricos em postura que podem entrar em conflito devido à diversidade dos usuários expressa por meio das múltiplas linguagens propiciadas nessa espacialidade. Nessa direção, esse estudo objetivou analisar o posicionamento de usuários lusofalantes nos comentários de um vídeo postado no *YouTube* sobre o falar da Vila de Rabo de Peixe, em São Miguel, nos Açores. Para tanto, observamos o posicionamento de 219 usuários em seus comentários postados sobre o vídeo. A partir dessas materialidades, identificamos atitudes de preconceito linguísticos distribuídas em 6 categorias: incompreensão da variante; isso não é português, é francês; jocosidade; críticas à lusofonia da variante; estranhamento/surpresa; comparação da variante com outra língua.

Verificamos que os posicionamentos nos comentários sobre o vídeo estão vinculados às questões ideológicas, socioculturais, identitárias e de pertencimento de usuários que transitam entre as espacialidades físicas e digitais. Sobretudo, identificamos marcas expressivas de preconceito linguístico distribuídas nos comentários, a partir de posicionamentos vigilantes e prescritivos dos usuários que, por sua vez, não reconheceram a legitimidade da variante açoriana da Vila de Rabo de Peixe como parte da Língua Portuguesa.

As categorias que selecionamos evidenciaram que os usuários expressaram preconceito linguístico não somente por meio de críticas explícitas e estranhamento da variante, mas, também, por meio de comentários jocosos que, embora possam parecer menos agressivos, pelo tom ‘bem-humorado’ que os usuários tentam imprimir, são, igualmente tendenciosos e carregados de ideologias que reforçam o preconceito linguístico.

Finalmente, este estudo contribui para o aprofundamento dos estudos sobre as formas de preconceito linguístico que acontecem no meio on-line e que reforçam a discriminação sobre variantes não padrão da Língua Portuguesa. Pensando nos usuários

das redes sociais digitais, este estudo espera contribuir para a conscientização das variedades da língua portuguesa, com o intuito de valorizá-las, e de sensibilizá-los sobre a riqueza cultural presente nessas variedades

## Referências

BAGNO, M. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2013.

BAGNO, M. **A língua de Eulália**. São Paulo: Contexto, 2014.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: O que é e como se faz**. 56. ed. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

BAGNO, M. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa**. Parábola Editorial, São Paulo, 2004.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. Tradução de Milton C. Mota. 1ª. ed. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

BOYD, D. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. In: PAPACHARISSI, Z. (Ed.). **A networked self: identity, community and culture on social network sites**. New York: Routledge, 2011.

CANUTO, S, K, A, C; SILVA, V. POSICIONAMENTO, LINGUAGEM E AQUILOMBAMENTO: EMOJIS NEGROS COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA NO DIGITAL. **Caminhos em Linguística Aplicada**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 105–126, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unitau.br/caminhoslinguistica/article/view/3610>. Acesso em: 25 out. 2025.

CALBUCCI, E. **Preconceito linguístico** – uma entrevista com Eduardo Calbucci. Museu da Língua Portuguesa, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3mB9zG5>. Acesso em: 09 out. 2021.

CAULLEY, D.N. **Document Analysis in Program Evaluation** (Nº 60 na série Paper and Report Series of the Research on Evaluation Program). Portland, Or. Northwest Regional Educational Laboratory, 1981.

COSTA, L. R. **A questão da ideologia no círculo de Bakhtin: e os embates no discurso de divulgação científica da revista Ciência hoje**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2017, 269 p.

CRUZ, C, A, G.; BASTOS, L, C. Histórias de uma obesa: a teoria dos posicionamentos e a (re) construção discursiva das identidades. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n. 3, p. 367-384, set. /dez. 2015.

DAVIES, B.; HARRÉ, R. Positioning: The discursive production of selves.

**Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 20, n. 1, p. 43–63, 1990.

DAVIES, B.; HARRÉ, R. Positioning and personhood. In: HARRÉ, R.; VAN LANGENHOVE, L. (Eds.). **Positioning theory**. Oxford: Wiley-Blackwell, 1999, p. 32–52.

DIAS, F, S. **Dicionário Sentimental da Ilha de São Miguel**. Letras Lavadas. 2017.

DORES, V, R. **Sobre a palatalização da vogal [u] em alguns falares açorianos**, Youtube, 2014a. Disponível em: <https://bit.ly/3npooWN>. Acesso em: 17 out. 2021.

DORES, V, R. **Pronúncias dos Açores**, por Victor Rui Dore (HD).2014b. Disponível em: <<https://bit.ly/3npuwFq>>. 15-10-2021.

ETTO, R, M.; CARLOS, V G. **Sociolinguística**: o papel do social na língua. *Mosaico* (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, p. 719-737, 2017.

FREIRE, G. **Açoriano Legendado**. Youtube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u7efyRaaTUU>. Acesso em: 14 fev. 2022.

GENEALL. **São Miguel**. 2025. Disponível em: <https://geneall.net/pt/mapa/-16/sao-miguel/>. Acesso em: 23 out. 2023.

HARRÉ, R. Positioning theory: Moral dimensions of social-cultural psychology. In: VALSINER, J. (ed.). **The Oxford handbook of culture and psychology**. New York: Oxford University, 2012, p. 191–206.

HARRÉ, R.; SLOCUM, N. Disputes as complex social events: On the uses of positioning theory. In: HARRÉ, R.; MOGHADDAM, F. (eds.). **The self and others: positioning individuals and groups in personal, political, and cultural contexts**. London: Praeger, 2003, p. 123-136.

HERRING, S, C. Computer-Mediated Discourse. In: SCHIFFRIN, D; TANNEN, D; HAMILTON, H (orgs.). **The Handbook of Discourse Analysis**, p. 612-634: Blackwell Publishers, 2001.

HERRING, S. Computer-mediated discourse analysis: an approach to researching online behavior. In: BARAB. S.A.; KLING, R.; GRAY, J.H. **Designing virtual communities in the service of learning**. New York: Cambridge University Press, 2004, p. 338-376.

HELDER, R. R. **Como fazer análise documental**. Porto, Universidade de Algarve, 2006.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

BERNARDO, M, C, R.; MONTENEGRO, H, M. **O falar micaelense – Fonética e Léxico**. João Azevedo Editor LDA. 2003.

MARCUSCHI, L, A.; DIONISIO, A.P. **Fala e escrita**. Recife: UFPE/CEEL, 2007.

MARTINS, E. C.; SANTOS, G. L. O desenvolvimento da capacidade de argumentação em mídias sociais digitais: o uso pedagógico do WhatsApp. **ETD: Educação Temática Digital**. Campinas, SP, v. 20, nº.1, p. 137-152, 2018.

OLIVEIRA, V, **Rabo de Peixe a força que tem**. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3kMaseQ>>. Acesso em: 17-10-2021

PEREIRA, M, L, S, F. **Bandeiras, Coroas e Despesas do Divino Espírito Santo na vila de Rabo de Peixe, São Miguel – Açores**. Dissertação de Mestrado em T Património, Museologia e Desenvolvimento da Universidade dos Açores. Ponta Delgada, 2020.

RECUERO, R. Discurso Mediado por Computador nas Redes Sociais. In: Julio Araújo; Vilson Leffa. (Org.). **Redes Sociais e Ensino de Línguas: O que temos a aprender?** 1ed.Sao Paulo: Parábola Editorial, 2016, v. 1, p. 17-32.

SANTOS, S, A, S. **Projeção da Língua Portuguesa Questões históricas, sociais e económicas**. Dissertação apresentada Mestrado em Português como Língua Segunda e Estrangeira da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2017.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, [S. l.], v. 1, n. 1, p.1-15 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 17 fev. 2023.

SEBA, A, L, D, V.; GALLARDO, B, C. “Isso não é Tumblr”: posturas críticas de internautas sobre um vídeo-tutorial no YouTube. **Entrepalavras**, [S.l.], v. 11, n. 3, p. 335-355, jan. 2022. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2313>. Acesso em: 15 out. 2021.

VAN LANGENHOVE; HARRÉ, R. Cultural stereotypes and positioning theory. **Journal for the Theory of Social Behavior**, v. 24, n. 4, p. 359-372, 1995

VALADARES, F, B.; MOURA, M, R. Internetês: neologismos gírios nas redes sociais. *Entretextos*, Londrina, v. 16, n. 2, p. 179-198, jul./dez. 2016.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin) **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929-1930], 2ªed. 376 p.

ZACHARIAS, V, R, C. Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, C, V. **Tecnologias para aprender**, São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p.15-26.

WEINREICH,U; LABOV, W; HERZOG, M, I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WIKIPEDIA, **Rabo de Peixe**. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Rabo\\_de\\_Peixe](https://en.wikipedia.org/wiki/Rabo_de_Peixe). Acesso em: 25 out. 2023.

